



24 de Setembro de 2009 Escola democratiza cinema no ABC



Sérgio Pires e Ivan Augusto, Coordenador da ELCV e Curador do Projeto Cineclubes, no Auditório Heleny Guariba, em Santo André - Foto: Renan Truffi/RRJ

MARIA GABRIELA **do Rudge Ramos Jornal**

Quando se fala em ir ao cinema, uma das questões mais pertinentes geralmente é o preço do ingresso. De acordo com o IBGE, atualmente existem cerca de 2.000 salas de cinema no Brasil, localizadas em apenas 7,5% dos municípios brasileiros. A maioria delas concentra-se nos bairros centrais, com os preços de uma sessão variando entre R\$7 e R\$14, o que dificulta o acesso para as comunidades carentes.

Uma opção para esse problema são os cineclubes. O movimento cineclubista consiste na exibição gratuita de filmes que estão fora do circuito comercial e na geração de debates sobre os temas abordados pelos filmes. Ao promoverem discussões e reflexões socioculturais, políticas e estéticas, propiciam aos seus participantes uma visão mais ampla do cinema.

O movimento no ABC ainda é pequeno e desunido. De acordo com a CNC (Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros) existem apenas cinco cineclubes filiados, mas muitos funcionam sem o conhecimento da organização.

Sérgio Pires, 35, é coordenador da Escola Livre de Cinema e Vídeo e afirma que as pessoas conhecem, mas não discutem cineclubes na região “As pessoas saem um pouco da região e acabam discutindo isso pela Associação

Cineclubista de São Paulo. Porém, ainda neste ano, a gente está tentando organizar todos os cineclubes do ABC”.

Dentre inúmeros problemas que dificultam o desenvolvimento de cineclubes na região, a questão do direito autoral é o que mais preocupa os cineclubistas.

Segundo Ivan Augusto, 45, curador do Projeto Cineclubes, de Santo André, se isso não for debatido, resultará no fim das exibições “porque, quando o filme cai em domínio público, alguém sempre retém o poder sobre ele”.

De uma maneira geral, o cineclubes se distingue do cinema comercial justamente por ser uma iniciativa do próprio público, que se reúne não apenas para ver filmes, mas também para partilhar experiências através do cinema.

De acordo com Augusto, os cineclubes são uma forma de aprender a ver o cinema de outra maneira. “O cineclubes não visa passar aqueles filmes que você encontra em locadoras, nem aqueles grandes sucessos de público. Ele busca filmes raros, filmes culturais, e que tenham uma determinada importância para história do cinema”.

Por isso é composto por um público diferenciado do cinema convencional. O fato de não ter fins lucrativos é um elemento fundamental. No cineclubes, ainda que ele produza alguma renda com as suas atividades, esses resultados têm, por lei, que ser reinvestidos na própria atividade.

O movimento cineclubista surgiu em resposta às necessidades que o cinema comercial não atendia. Na década de 20, a insatisfação com os modelos rígidos estabelecidos pela indústria cinematográfica, a revolta com a censura onipresente e a preocupação com o rumo do cinema nacional levou muita gente a procurar alternativas. Mas foi na França que essas insatisfações encontraram suas primeiras formas de expressão. Em 1920, o cineasta e crítico Louis Delluc criou o primeiro cineclubes, em 14 de janeiro.

Já no Brasil o cineclubismo passou por fases distintas. A grande conquista da aprovação da lei que tornava legítima a atividade cineclubista, pouco antes do AI-5, representou uma vitória que definiu a continuidade do movimento. Porém, mesmo amparado pela Constituição, a repressão do regime militar foi definitiva para desarticular o movimento até o início dos anos 70. Nesse período vários cineclubes foram depredados, seus membros perseguidos, acervos foram confiscados, e muitos filmes, queimados.

Nos anos 80, pós-ditadura, mas ainda prejudicado por sua herança, surgiu uma fase cultural, em que o objetivo voltava a ser a transformação da consciência e o método de ver e discutir cinema. Hoje, já existe mais de 200 cineclubes brasileiros.

A propagação dos cineclubes é um fenômeno que se deve principalmente pela facilidade da tecnologia digital. Os novos equipamentos de audiovisual são mais leves, mais simples e mais acessíveis. “A tecnologia foi um fator que propiciou bastante, porque antes era preciso passar em película e era muito caro. Realmente, essa tecnologia veio favorecer principalmente o cineclubes. Porque cai, assustadoramente, o custo pra montar um cineclubes” disse Ivan Augusto.